



Entre o silenciamento e a rebelião: As possibilidades de ação das mulheres em *Lisístrata*.



Between silencing and rebellion: The possibilities
of action of women in *Lysistrata*

*Camila Miranda Jesus Tenreiro*¹

¹ Graduada de História na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: camilamjt@hotmail.com

Resumo: A partir da leitura da peça *Lisístrata*, escrita por Aristófanes em 411 a.C., este artigo pretende analisar a retratação das mulheres da Grécia Antiga em comédias para elucidar questões referentes a seus status e a suas realidades e ações. Para tal, o trabalho foi separado em três partes principais: foi realizado um panorama bibliográfico acerca do status e suposto papel das mulheres gregas, uma análise de um trecho da peça estudada e uma articulação entre as visões historiográficas adotadas, o exame do excerto em si e as teorias mais gerais acerca do mundo grego e de sua literatura. Desse modo, desenvolveremos a noção de que as mulheres gregas não eram tão duramente submetidas a imposições de gênero como costumamos pensar; mostraremos que, pelo contrário, possuíam certa possibilidade de ação, muitas vezes viabilizado pelo próprio ideal normativo que buscava oprimi-las.

Palavras-chave:

Lisístrata, Mulheres na Grécia Antiga, Status feminino na Antiguidade, Papel da boa esposa ateniense.

Abstract: Starting with the reading of the play *Lysistrata*, written by Aristophanes in 411 BC, this article intends to analyze the representation of Ancient Greece's women in comedies to elucidate issues regarding their statuses, realities and actions. To do so, this study has been separated into three main parts: the outlining of a bibliographical panorama concerning Greek women's status and supposed role, the analysis of a portion of the studied play and the linking between the adopted historiographical points of view, the examination of the excerpt in itself and the more general theories respecting the Greek world and their literature. Thus, we will develop the notion that Greek women weren't as strongly submitted to gender impositions as one would think; we will show that, on the contrary, they possessed a certain possibility of action, many times made achievable by the very normative ideal that aimed to oppress them.

Keywords:

Lysistrata, Women in Ancient Greece, Feminine status in Antiquity, The role of the good Athenian wife.

Introdução

A História, tal qual a maioria das áreas de conhecimento, não é acessível ao grande público. Assim, não é incomum ouvir em conversas casuais com amigos ou conhecidos noções superadas pela historiografia ou totalmente equivocadas. Ao se tratar da Grécia Antiga, encontra-se quase sempre uma visão de que esta seria a mãe da civilização ocidental, com a qual possuiria diversas semelhanças. Tal noção se assenta na existência de uma continuidade entre as tradições filosóficas e políticas da Antiguidade Grega e da Europa Medieval e Moderna que ignora as grandes diferenças, separando essas duas civilizações.

Uma diferença claramente identificável é o papel das mulheres na sociedade da Grécia Antiga, que deveriam ser, de acordo com diversos autores da época, quietas e submissas a seus maridos, vivendo reclusas em suas casas e sem direito à participação política. Ainda que este ideal normativo possua algumas semelhanças com o que pensavam certos setores do mundo ocidental no século XIX – ou mesmo no século XXI –, a visão acerca das mulheres, as relações que mantinham com homens, as expectativas que possuíam e o papel que lhes era designado de um modo geral, diferem em muito daqueles encontrados na contemporaneidade. Este trabalho visa refletir acerca de algumas questões referentes ao status e ao que acreditamos se aproximar da realidade das mulheres grega, a começar com uma discussão historiográfica sobre o assunto, seguida pela análise da peça *Lisístrata*, escrita por Aristófanes em 411 a.C.

Desenvolvimento

A. O papel da boa esposa: Uma breve discussão historiográfica

Um ponto de partida para qualquer questão historiográfica é delinear um panorama bibliográfico a seu respeito; acerca do status das mulheres na Grécia Antiga não poderia ser diferente. No artigo *Ideology and “The Status of Women” in Ancient Greece*, Marilyn Katz mostra como se constituiu no século XIX uma ortodoxia a respeito dessa questão, que só seria desafiada seriamente esfera intelectual na segunda metade do século seguinte. Tal ortodoxia consistia na crença de que as mulheres gregas do período clássico eram tratadas com desprezo, reclusas aos lares – mais especificamente aos gineceus, os supostos cômodos femininos, comparados a haréns orientais – e não eram educadas ou incluídas na política, pois eram desiguais em relação aos homens, toleradas enquanto esposas como um mal necessário para a sobrevivência, a quem não se dirigia amor. Também constituía a essa ortodoxia a crença de que o status da mulher não mudara significativamente no mundo ocidental até o século XIX, e que teoria e prática gregas nesse aspecto não diferiam em muito das medievais e modernas².

Atualmente, diversos autores, como Marta Mega de Andrade, questionam a totalidade de tais imposições ao gênero feminino, enxergando-as como um ideal normativo ao qual as mulheres supostamente deviam se submeter, como um discurso construído a partir das crenças da sociedade, presente na literatura grega – majoritariamente masculina – que nos alcançou. Tal discurso era fundamentado pelos mitos gregos, que faziam do surgimento da mulher o surgimento a chegada dos males no mundo, como as doenças e a morte. Assim,

² KATZ, Marilyn. *Ideology and “The Status of Women” in Ancient Greece*. *History and Theory*, Nashville, v. 31, n. 4, p. 72-78, dec. 1992.

constituía-se uma visão a respeito da “raça das mulheres”, uma produção simbólica de gênero que colocava homens e mulheres em oposição e criava posições estruturais para ambos, que por sua vez informavam seus supostos papéis nas relações sociais. No entanto, Andrade assegura que, mais importante do que saber o quanto as mulheres se subordinavam ao modelo, seria compreender sua utilização para outros fins, como a construção de uma identidade feminina, já que no dia a dia, elas não necessariamente o seguiam por completo, mas se apropriavam dele e utilizavam-no conforme pedia a situação³.

A perspectiva de Andrade a respeito das relações sociais entre grupos hierarquizados – entre os “fortes” e os “fracos” – vai ao encontro dos escritos de Michel de Certeau sobre tais relações, que ele chama de “relações de força”. De acordo com o autor, mesmo que os “fortes” produzam certo material simbólico, por exemplo, não se pode presumir que haja uma imposição de via única, aceita passivamente pelos “fracos”; há uma diversidade de usos possíveis a partir do consumo desse material, dentre eles a sua modificação a partir da apropriação do mesmo. Em suma, ele chama de ações estratégicas aquelas formuladas a partir de um lugar de poder, ou seja, a propriedade de um “eu próprio”, de uma base a partir da qual elaborar as estratégias pensando em si e em relação ao outro, que criam discursos totalizantes a serem impostos. As ações táticas seriam as formuladas pelos “fracos” em resposta às estratégicas. Seriam, ao contrário das primeiras, fruto do imprevisto, da realidade vivida diariamente, resultado do uso hábil do tempo para calcular uma resposta apropriada a uma situação específica⁴.

O ideal da boa esposa, assim, seria um modelo, imposto pelos homens e ao mesmo tempo apropriado pelas mulheres, por vezes para seu próprio proveito. Faz-se necessário estabelecer exatamente qual modelo era esse e a qual mulher nos referimos. Tal qual afirmavam os estudiosos do século XIX, o modelo da boa esposa perpassava a reclusão aos lares e a desigualdade em relação aos homens. A *mélissa*, a mulher-abelha, mulher ideal, única esposa que se deveria almejar, deveria ser “zelosa dos bens da casa, amiga de seu marido, inimiga das conversas entre mulheres, as conversas eróticas”⁵. Era considerada a rainha do lar e tinha como principal papel cuidar do interior do *oikos*⁶, mesmo que ainda neste contexto fosse submetida a estruturas masculinas e ao marido, por ser o chefe da casa, à qual ela havia migrado após o casamento⁷. Devia ser quieta, aceitar o mando dos homens e se manter alheia à política e à guerra, como afirmam diversas fontes, inclusive a peça aqui analisada.

É também importante assinalar que a condição social de *mélissa* era, ou se tornou com o tempo, intimamente relacionado com a cidadania. Como afirma Andrade, “as mulheres virtuosas eram, assim, as mulheres de Atenas”, filhas de casas cidadãs e casadas com cidadãos⁸. Seus papéis mais importantes eram, em conjunto com a procriação e a manutenção da ordem

3 ANDRADE, Marta. *A Cidade das Mulheres: cidadania feminina ou a polis revisitada*. In: FUNARI, Pedro; FEITOSA, Lourdes; DA SILVA, Glaydson (Org.). *Amor, desejo e poder na Antigüidade: relações de gênero e representações do feminino*. Campinas: Unicamp, 2003, p. 111-140.

4 CERTEAU, M de. *Fazer com: Usos e táticas*. In: _____. *A Invenção do Cotidiano*. I. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 91-106.

5 ANDRADE, Marta. *A Cidade das Mulheres: cidadania feminina ou a polis revisitada*. In: FUNARI, Pedro; FEITOSA, Lourdes; DA SILVA, Glaydson (Org.). *Amor, desejo e poder na Antigüidade: relações de gênero e representações do feminino*. Campinas: Unicamp, 2003, p. 111-140.

6 Unidade básica da sociedade da maioria das cidades Estado gregas, refere-se à propriedade da família, cujo ambiente interior é o que, atualmente, chamaríamos de casa ou lar.

7 ANDRADE, Marta. *Gênero, poder e diferenças*. Phoênix, Rio de Janeiro, v. 11, p. 177, 2005.

8 ANDRADE, Marta. *A Cidade das Mulheres: cidadania feminina ou a polis revisitada*. In: FUNARI, Pedro; FEITOSA, Lourdes; DA SILVA, Glaydson (Org.). *Amor, desejo e poder na Antigüidade: relações de gênero e representações do feminino*. Campinas: Unicamp, 2003, p. 111-140.

no interior do oikos, as atividades rituais da *pólis*⁹, sendo estas extremamente relevantes. Conforme afirma Christianne Sourvinou-Inwood, na esfera religiosa da vida pública ateniense as mulheres chegavam a ser complementares e iguais aos homens devido à importância dos ritos realizados, sendo consideradas as responsáveis pela sobrevivência e pela prosperidade da *pólis*¹⁰. Esses três pontos – casamento, geração de filhos legítimos e atividade ritual – constituíam os pilares de legitimidade das boas esposas, das *mélissai*. Isso não significa que o ideal normativo de boa mulher e boa esposa não exercesse influência sobre as não cidadãs, mas mostra a quem ele era majoritariamente direcionado e, conseqüentemente, quem ele buscava restringir com maior afinco. Ao mesmo tempo, a existência deste modelo permitia que as esposas legítimas tivessem um status diferenciado das outras mulheres que habitavam a *pólis* e que defendessem sua posição social pela apropriação e reprodução de tais ideais¹¹.

Ainda de acordo com Andrade, a reprodução desse modelo seria, no entanto, não a prova de uma aceitação e incorporação total do paradigma imposto, mas sim um exemplo de pragmatismo, uma concordância circunstancial, ou seja, o ideal normativo funcionaria para as mulheres como algo a aceitar para se manter dentro do jogo das relações sociais, não modificando suas regras, mas se utilizando de jogadas diversificadas para sobreviver e prevalecer quando possível¹². Desse modo, é possível pensar nas ações das *mélissai*, que por conta de seu status, possuíam certas prerrogativas diferenciadas, como defesas estratégicas de sua posição privilegiada. Mas até mesmo essas defesas entrariam no conjunto geral de ações táticas das quais se utilizavam as mulheres ao se confrontarem com o ideal normativo a elas imposto. Assim viviam as mulheres, abelhas ou não, incapazes de modificar as regras do jogo, utilizavam-nas a seu favor, quando necessário e conforme possível, seguindo com suas relações sociais cotidianas por vezes em conformidade com o modelo de boa mulher que deveriam seguir.

B. O discurso de Lisístrata

Lisístrata foi uma comédia escrita por Aristófanes e encenada em Atenas no ano de 411 a.C., em um dos festivais em homenagem a Dionísio. Seu enredo revolve ao redor de uma greve de sexo feita pelas mulheres de toda a Grécia, visando acabar com as diversas guerras entre os gregos. Como toda obra literária, ela constitui uma fonte que pode ser analisada em busca do conhecimento e entendimento de aspectos da época que retrata e na qual foi escrita.

A análise dos trechos abaixo se faz no sentido de compreender o ponto de vista da personagem principal da peça, a ateniense Lisístrata, líder da greve de sexo, assim como o que seu discurso mostra a respeito das mulheres gregas e de suas relações com os homens, de um modo geral. Tal discurso é proferido ao Comissário do Povo e da Comarca, que havia se dirigido à Acrópole ocupada pelas mulheres de Atenas para “reestabelecer a ordem”. No entanto, logo ao chegar, as atenienses amedrontam os soldados do Comissário, deixando-o sozinho a discutir com Lisístrata e suas companheiras, que começam nesse momento a lhe

9 Modelo de cidade característica da antiga sociedade grega, também conhecida como cidade-Estado.

10 SOURVINOU-INWOOD, Christianne. *Male and Female, Public and Private, Ancient and Modern*. In: REEDER, Ellen, ed., Pandora: Women in Classical Greece. Princeton: Princeton University Press, 1995, p. 111-120.

11 ANDRADE, Marta. *A Cidade das Mulheres: cidadania feminina ou a polis revisitada*. In: FUNARI, Pedro; FEITOSA, Lourdes; DA SILVA, Glaydson (Org.). Amor, desejo e poder na Antigüidade: relações de gênero e representações do feminino. Campinas: Unicamp, 2003, p. 111-140.

12 ANDRADE, op. cit.

explicar seus objetivos. Ela conta que pretendem administrar o tesouro da cidade da maneira feminina, doméstica, e prevenir a guerra por não deixar que o dinheiro caia na mão dos homens. Ela afirma que visam, desse modo, salvar os homens. O Comissário responde, perguntando de onde havia vindo a ideia de se meter na guerra e na política. Começa, então, seu discurso:

LISÍSTRATA - Se pudesse ser tão breve quanto o desejaria, diante de ouvidos tão grosseiros, eu ficaria muda. Mas serei tão breve quanto possa. O fato é que, desde o início desta última guerra - e nunca vi uma paz completa em toda a minha vida -, vimos suportando, normalmente, isto é, em silêncio e humildade, como vocês inventaram que é próprio das mulheres, a tremenda estupidez das ações masculinas. As regras patriarcais impõem que mulher não deve abrir a boca, ou melhor, só deve fazer isso silenciosamente, boquiabrindo-se de admiração diante da inteligência, da beleza ou dos atos de valor do amante, pai, marido, irmão. Qualquer macho que esteja a seu lado, por mais estúpido, torto, vesgo ou covarde que ele seja¹³.

Neste trecho, a fala de Lisístrata mostra como havia um ideal normativo imposto às mulheres que dizia respeito a um modo “correto” de agir, o modelo sobre o qual discorreremos acima. Esta fala pode também ser tomada como exemplo de uma fonte explorada pelos estudiosos que formularam a ortodoxia do século XIX acerca da condição social das mulheres na Grécia Antiga, já que afirma um de seus paradigmas: o da mulher silenciada e submissa aos homens. No entanto, isso não é tudo que podemos retirar desse trecho. Apontar apenas o que o trecho explicita, sem reflexão acerca do que se encontra por debaixo desta fala, seria repetir uma análise superficial e já esgotada. Nesse sentido, é importante se atentar a aspectos referentes à escrita e à performance da peça, assim como ao contexto no qual ela foi apresentada e a outros pontos referentes ao conteúdo do discurso.

Em primeiro lugar, é preciso apontar para o fato da peça ter sido escrita por Aristófanes, um homem, e para a ideia de que é por meio dele que ouvimos as vozes femininas que se manifestam no texto da comédia. Desse modo, ao lermos a fala de Lisístrata, estamos lendo, na verdade, a escrita de um homem, que para resultar em reações do público, deveria remeter, ao menos em parte, à realidade. Assim, mesmo que se tratasse de uma obra de ficção, para que a peça fizesse sentido ao público, era necessário que ela fosse baseada na vida real. Uma segunda importante informação a ser realçada é que a plateia era constituída por homens, o que significa dizer que o texto precisava fazer sentido para eles.

Desses apontamentos podemos levantar algumas questões: como Aristófanes saberia que as mulheres tinham a noção de que eram submetidas a um ideal? Como os homens da plateia saberiam? É possível ressaltar que, para além de exemplificar o que os homens achavam das mulheres e de como deviam se comportar, o conteúdo do trecho mostra que as próprias mulheres estavam cientes de que estavam sendo submetidas à imposição de um modelo, de um ideal. Isso fica evidente quando Lisístrata afirma que os homens inventaram que o silêncio e a humildade são próprios das mulheres. Mais do que isso, esse trecho mostra que as mulheres atenienses de fato *não* eram completamente silenciadas. Para que a peça fosse compreendida, era necessário que todos os homens assistindo soubessem que ao menos algumas mulheres reconheciam a imposição de um modelo de boa esposa. Era preciso que elas de algum modo reclamassem de sua situação, que se colocassem contrariamente à visão de que deveriam estar caladas a todo o tempo, apenas admirando seus maridos. Feita essa

13 ARISTÓFANES. *Lisístrata – A Greve de Sexo*. Tradução de Millôr Fernandes, 1ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2003, p. 22.

primeira parte da análise, podemos seguir com o trecho da peça:

E como obedecíamos ao jogo social, a canalha masculina, cuja superioridade se define toda num pau endurecido, acreditava que éramos felizes. Que aplaudíamos a maneira como conduziam os acontecimentos. Ah, quanta insensatez, quanta cegueira! Muitas vezes ouvíamos vocês discutindo, decidindo a vida e a morte do povo, a sorte e a felicidade dos nossos cidadãos. E os argumentos nos pareciam vistos pelo avesso e de cabeça pra baixo. Arriscávamos então uma pergunta temerosa. Com o coração pesado, mas mantendo um sorriso, indagávamos: “Querido, na Assembleia, hoje, você falou alguma coisa pela paz?” “Pra quê?”, a resposta vinha como um trovão, pois vocês sabem tudo. “Que é que você tem com isso? Isso é da sua conta? Onde é que se viu mulher se imiscuir em interesses públicos? Cala a boca!” E adivinha o que fazíamos nós? (Comissário faz gesto de quem não sabe.) Calávamos a boca.

CLEONICE - Eu não calava, não. Falava sempre tudo que me vinha¹⁴.

Na continuação do discurso de Lisístrata, fica ainda mais evidente que o modelo da mulher calada e submissa era mais um ideal que uma realidade. É possível também afirmar que, tal qual afirmado na sessão anterior, há uma certa concordância pragmática à imposição desse modelo, como mostra a afirmação de Lisístrata de que as mulheres obedeciam ao jogo social, mesmo que discordassem de suas regras. A fala de Cleonice apenas reforça o que vínhamos apontando sobre a existência de vozes femininas, que não se calam frente a seus maridos, já que, novamente, para que os homens na plateia entendessem e se divertissem com a peça, era necessário que se identificassem com ela, mesmo que ela não retratasse uma realidade absoluta.

O comissário se engaja então num breve debate com Lisístrata:

COMISSÁRIO - E o teu marido, não te dava as bofetadas que você pedia?

LISÍSTRATA - Pois eu não dizia mais nada. Só noutra oportunidade, diante de uma decisão ainda mais grave e mais estúpida, eu não me continha: “Mas meu marido, como é que você participou de semelhante cegueira, que pode até ser fatal, pelo menos vai ser um desastre?” Ele apenas me olhava com infinito desprezo e respondia: “Volta pro teu bordado, cuida do teu lençol ou terá muito de que se arrepender. Guerra é pra homem”.

COMISSÁRIO - E tinha toda razão. Ou vai dizer que não?

LISÍSTRATA - Eu respondo que não, pobre infeliz; não manter um diálogo conosco, não deixar que criticássemos resoluções suicidas pra todo o país, já era demasiado grave! Mas chegamos ao ponto em que não havia mais nenhum homem válido na cidade. Recrutadores perguntavam pelas ruas: “Mas não ficou nenhum homem em toda Atenas?” e recebiam a resposta trágica: “Nenhum. Nem um digno do nome”. Foi aí que decidimos que era chegada a hora, que a salvação da Grécia dependia agora das mulheres. Abram os ouvidos à nossa sensatez, fechem as bocas que já usaram tanto e tão inutilmente. Chegou a nossa vez de apontar o caminho¹⁵.

Nesta última passagem, podemos exemplificar mais alguns aspectos do ideal da mulher virtuosa, como a reclusão ao lar a tecer e bordar, mantendo-se alheia aos assuntos da política e da guerra. No entanto, o fim desse excerto nos diz algo além disso, como, aliás, o faz toda a peça. Ao escrever a respeito de uma situação na qual as mulheres estariam no poder, Aristófanes não se refere a algo que tenha efetivamente ocorrido, obviamente, mas dá uma dica a respeito do que acontecia de fato. Ou seja, a tomada de poder pelas mulheres em uma comédia aponta que os homens reconheciam essa possibilidade o suficiente para se

¹⁴ ARISTÓFANES, op. cit.

¹⁵ ARISTÓFANES. *Lisístrata – A Greve de Sexo*. Tradução de Millôr Fernandes, 1ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2003, p. 22-23.

identificar com ela, mas ao mesmo tempo a situação era improvável o suficiente para que achessem graça dela.

C. As possibilidades de ação da mulher na Grécia Clássica

De acordo com Ulpiano Meseses, “o rumo básico da leitura histórica é iluminar a sociedade”¹⁶. É assim que o autor começa a caracterizar o que ele afirma ser um tratamento adequado de textos pelo historiador. Para ele, as quatro marcas principais de uma leitura histórica bem-sucedida são: a leitura do texto como leitura da sociedade, a leitura como constituição da informação, a leitura indiciária e a leitura dialógica. Ou seja, é necessário entender o texto como uma forma de ação social, fazendo dele não o que se busca compreender em si, mas uma ponte para a sociedade que se quer conhecer. Além disso, o autor aponta para o fato de que o texto não é um repositório de informações, mas que a leitura histórica deve buscar constituir informação, tendo em mente que este é um campo de observação de indícios, de sintomas, de um passado, fazendo da leitura histórica também uma busca por aquilo que não está explícito, uma leitura indiciária. Por fim, Meneses afirma que a leitura histórica deve ser também dialógica, ou seja, o historiador deve perguntar ao texto e permitir que ele responda, de modo a renovar as próprias perguntas e atingir resultados mais qualificados¹⁷. Ora, é isto que vem sendo feito neste trabalho, de modo que a análise de *Lisístrata* acarretada acima proponha-se a, mais que uma análise discursiva, ser uma leitura histórica de uma fonte Antiga.

No exame do trecho escolhido, assim como durante a leitura de toda a fonte, buscamos acessar mais do que a superfície discursiva nos permitia ver, procurando manter um diálogo com a fonte a partir do que ela nos informava sobre sua própria história, a de uma comédia, escrita por um homem, cujo elenco e plateia eram constituídos por homens – e buscando observar as influências que esta deveria ter em nosso entendimento do texto em si. Objetivamos, assim, constituir informações a partir do que estava oculto, para, enfim, chegar a um melhor entendimento da sociedade da Atenas Clássica. Se por um lado, o exame discursivo foi suficiente para provar a existência de um ideal normativo imposto às mulheres, foi apenas por meio da leitura histórica, tal qual definida por Meneses, que chegamos à conclusão de que as mulheres não somente estavam cientes de tal imposição, como também não se calavam por completo a respeito do tema, chegando até mesmo a possíveis reclamações relacionadas a esse ideal, mesmo que, de modo geral, continuassem participando do jogo social e seguindo as regras estabelecidas por homens. A leitura histórica também nos permitiu alcançar a conclusão de que os homens reconheciam a possibilidade de sua perda de controle sobre as mulheres o suficiente para receá-la, mas não o suficiente para que ela não pudesse diverti-los. Afinal, é a partir da comédia que Aristófanes aborda todos estes temas, os públicos e os privados, como a guerra e o casamento, extremando situações e opiniões para causar o riso em seus espectadores.

E a respeito das esferas pública e privada da vida, sabe-se que os gregos do período clássico privilegiavam a primeira em detrimento da segunda, resultando mesmo em sua repressão. Era esse o motivo, segundo James Redfield, da falta de histórias de amor na literatura grega

16 MENESES, Ulpiano. *As Marcas da Leitura Histórica: a Arte Grega nos Textos Antigos*. Manuscrita, São Paulo, n. 7, p. 71, mar. 1998.

17 MENESES, Ulpiano. *As Marcas da Leitura Histórica: a Arte Grega nos Textos Antigos*. Manuscrita, São Paulo, n. 7, p. 69-82, mar. 1998.

da época. Tendo elas o objetivo de enaltecer as relações privadas entre marido e mulher, eram reprimidas em conjunto a outros aspectos da vida doméstica. O foco do casamento centrava-se, desse modo, em sua face pública, de transações masculinas, e se mostrava quase sempre como infeliz. Porém, por se tratar de uma comédia, a peça de Aristófanes se adianta em relação ao aumento das histórias de amor na literatura grega – este, concomitante à queda da cidade-Estado como estrutura autossuficiente, o que mostra a íntima ligação entre a prevalência da esfera pública e a repressão do amor na literatura – e nos mostra um relato mais naturalista da vida conjugal, algo possibilitado pelo fato da comédia ser um gênero literário menos respeitável e, portanto, mais livre¹⁸. Isso apenas serve para reforçar que, ao contrário do que costuma-se pensar, as comédias são fontes ricas para se montar quadros mais aproximados da vida na Antiguidade e o riso, um meio valoroso de se abordar questões sérias, como relações de gênero.

Tudo aqui apresentado está em acordo com uma nova perspectiva sobre a *pólis*, apresentada por Kostas Vlassopoulos e Claire Taylor, que se opõe à estabelecida visão funcionalista da mesma. De acordo com os autores, a *pólis* deveria ser pensada a partir do conceito de redes, ou seja, a partir das relações estabelecidas entre pessoas através de barreiras físicas, sociais e temporais. A rede permite que sejam repensadas estruturas sociais e modelos de sociedade, de modo a explicitar processos e interações que com outra perspectiva não pareceriam possíveis. Ela permite que pensemos em processos que ultrapassam barreiras culturais, políticas e econômicas que não são controlados por um indivíduo ou instituição e que, ao invés de impostos a partir de um centro, são multilaterais. Assim, a rede permite a exploração de formas diversas de interação numa sociedade e explica diversos aspectos não compreendidos por uma abordagem funcionalista. A aplicação de tal perspectiva à Grécia Antiga, que carecia de unidade política, social ou econômica, serve para explicar também as questões aqui levantadas. Com uma visão funcionalista, a tomada de poder pelas mulheres atenienses seria algo completamente impensável, pois a *pólis* seria o clube de cidadãos, dos quais metecos, escravos, crianças e mulheres não poderiam de modo algum participar. A rede, no entanto, abarca tal possibilidade, não por ignorar as barreiras institucionais para tal, mas por explicitar que os processos são frutos de ações e por vezes ultrapassam tais barreiras¹⁹.

Assim, afirmamos novamente que os homens que assistiam à peça a compreendiam e dela achavam graça pois reconheciam nela um fundo de verdade, algo compatível com a teoria de redes aqui apresentada.

18 REDFIELD, J. *O Homem e a Vida Doméstica*. In: VERNANT, Jean-Pierre, ed., *O Homem Grego*. Lisboa: Editorial Presença, 1994, p. 147-153.

19 TAYLOR, Claire; VLASSOPOULOS, Kostas. *Introduction*. In: _____, eds. *Communities and Networks in the Ancient Greek World*. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 16-22.

Conclusão

“Pois é. Se tivessem sido convidadas para uma festa de Baco isso daqui estaria intransitável de mulheres e tamborins. Mas, como eu disse que a coisa era séria, nenhuma apareceu até agora. Só pensam em bacanais”²⁰. É com esta fala que Lisístrata abre a comédia que leva seu nome, pequeno excerto que se enche de significado após o estudo aqui realizado. Por ele, somos informados que Lisístrata convocara mulheres para encontrarem-na; com ele, podemos apontar que as mulheres não estavam sempre reclusas a seus lares. Percebe-se que a comédia de Aristófanes desafiava a ortodoxia do século XIX a respeito das boas mulheres e boas esposas, com a qual iniciamos este trabalho, desde sua primeira fala, algo que fora provavelmente ignorado pelos estudiosos da época por se tratar de uma peça de comédia.

Buscamos mostrar que obras literárias são importantes fontes para a análise quando submetidas a uma leitura histórica e, utilizando-se de tal método, chegamos a algumas conclusões referentes ao papel social, ou status, das mulheres gregas do período clássico, assim como às suas realidades e possibilidades de ação.

Em primeiro lugar, as mulheres não eram completamente submissas aos homens como se imaginava; tal submissão absoluta só existia no ideal normativo que a elas era imposto, ideal este reconhecido e até mesmo criticado por uma parcela significativa o suficiente para que os homens tivessem conhecimento do desconforto de suas esposas em relação a ele. Em segundo lugar, a leitura histórica da fonte também nos permite afirmar que, muitas vezes as mulheres atenienses se apropriavam do modelo a elas imposto, conscientemente agindo conforme seu papel para continuar no jogo das relações sociais. Ao mesmo tempo, a aceitação dos ideais não impedia a continuidade de suas ações e relações cotidianas, de modo que uma *mélissa* ateniense poderia se relacionar com estrangeiras, por exemplo, algo possível segundo o conceito de redes e a multiplicidade de interações que ele comporta.

Por fim, chegamos à conclusão de que, tal qual afirma Marta Mega de Andrade em seu artigo *A “Cidade das Mulheres”: a questão feminina e a pólis revisitada*, os gregos presumiam que a mulher possuía a possibilidade da escolha e de ação, o que constituía uma ameaça²¹. Pois, se o ideal normativo da mulher calada e reclusa não era de todo seguido, as mulheres conviviam e conversavam entre si na vida cotidiana, formando uma rede. Desse modo, havia a longínqua possibilidade de se unirem para uma rebelião feminina – uma ação tática, pode-se dizer, em resposta às estratégias masculinas. Possibilidade pequena, risível, digna de uma boa comédia. Mas, de todo modo, uma possibilidade, reconhecida e temida, que demonstrava o receio dos gregos de perderem o controle sobre suas mulheres.

20 ARISTÓFANES. *Lisístrata – A Greve de Sexo*. Tradução de Millôr Fernandes, 1ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2003, p. 2.

21 ANDRADE, Marta. *A Cidade das Mulheres: cidadania feminina ou a pólis revisitada*. In: FUNARI, Pedro; FEITOSA, Lourdes; DA SILVA, Glaydson (Org.). *Amor, desejo e poder na Antigüidade: relações de gênero e representações do feminino*. Campinas: Unicamp, 2003, p. 111-140.

Fontes e bibliografia

A - Fontes

ARISTÓFANES. Lisístrata – A Greve de Sexo. Tradução de Millôr Fernandes, 1ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2003.

B - Referências bibliográficas

Capítulo de livro

ANDRADE, Marta. A Cidade das Mulheres: cidadania feminina ou a polis revisitada. In: FUNARI, Pedro; FEITOSA, Lourdes; DA SILVA, Glaydson (Org.). Amor, desejo e poder na Antigüidade: relações de gênero e representações do feminino. Campinas: Unicamp, 2003, p. 111-140.

CERTEAU, M de. Fazer com: Usos e táticas. In: _____. A Invenção do Cotidiano. I. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 91-106.

REDFIELD, J. O Homem e a Vida Doméstica. In: VERNANT, Jean-Pierre, ed., O Homem Grego. Lisboa: Editorial Presença, 1994, p. 147-171.

SOURVINOU-INWOOD, Christianne. *Male and Female, Public and Private, Ancient and Modern*. In: REEDER, Ellen, ed., Pandora: Women in Classical Greece. Princeton: Princeton University Press, 1995, p. 111-120.

TAYLOR, Claire; VLASSOPOULOS, Kostas. Introduction. In: _____, eds. Communities and Networks in the Ancient Greek World. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 3-44.

Artigos de periódicos

ANDRADE, Marta. Gênero, poder e diferenças. Phoînix, Rio de Janeiro, v. 11, p. 177, 2005.

KATZ, Marilyn. *Ideology and “The Status of Women” in Ancient Greece*. History and Theory, Nashville, v. 31, n. 4, p. 72-78, dec. 1992.

MENESES, Ulpiano. As Marcas da Leitura Histórica: a Arte Grega nos Textos Antigos. Manuscrita, São Paulo, n. 7, p. 69-82, mar. 1998.

“Já fica claro no período que, tudo a ser mencionado que as mulheres não deviam ter contato eram coisas que não lhe cabiam, logo, coisas de homem. O termo assinalado é um SN redundante.